

SAMORA MACHEL FOI ASSASSINADO

DMoz 19/6/87

— diz Joaquim Chissano no comício de Mueda

O Presidente Samora Machel foi assassinado pelos inimigos de Moçambique, disse na 3.ª feira, em Mueda, o seu sucessor, Joaquim Chissano.

Chissano, que falava por ocasião do 26.º aniversário do massacre de Mueda, em 1960, situou o assassinato do Samora Machel na longa história de violência imposta por estrangeiros ao nosso país. Fez paralelismo entre o massacre de Mueda, a guerra colonial e os seus crimes e a morte violenta do Presidente Samora.

«Os nossos inimigos, que é o colonialismo, ainda o colonialismo; os nossos inimigos, que é o racismo e ainda o racismo, recorreram de novo à violência e assassinaram o nosso presidente», porque estava a «tornar-se um homem perigoso para o nosso inimigo. Porque estava a servir como um dos principais mobilizadores das forças do mundo contra o colonialismo,

decidiram assassiná-lo», frisou Joaquim Chissano.

O Chefe do Estado moçambicano, que descreveu resumidamente como é que Samora Machel viajava para a cimeira da Zâmbia, a 19 de Outubro, e como o seu avião foi para território sul-africano, denuncia que o «avião foi desviado por aparelhos especiais, colocados em qualquer parte, longe de Maputo, que comunicavam com o avião e davam informação errada sobre o caminho que se devia seguir».

Depois de decodificada a conversa entre os membros da tripulação e do «cock-pit», descobriu-se que a aeronave seguiu um VOR (very high frequency OMNI directional radio), que os navegadores acreditavam os levasse ao Maputo. Este aparelho não identificado, e que transmitia com as frequências de Maputo, é o aparelho a que o presidente se referia.

«Os aparelhos foram colocados pelos nossos inimigos», explicou Joaquim Chissano aos residentes de Mue-

da. «Indicaram falso caminho ao avião, e o avião foi cair nas montanhas», frisou.

Samora Machel não morreu num acidente simples. O acidente foi provocado, criado, bem estudado pelos nossos inimigos.

O despenhamento do avião é «violência e quer dizer que essa violência, que vivemos no dia 16 de Junho de 1960, aqui em Mueda, continua hoje», sublinhou.

Entretanto, ontem Joaquim Chissano falou num comício, assistido por cerca de 30 mil pessoas em Pemba, pouco antes de regressar ao Maputo.

Joaquim Chissano voltou a insistir na importância da unidade nacional para a luta contra a opressão que, «não tem fronteiras, nem tribos, nem raça, nem religião».

No início do comício, o presidente disse que se deslocou a Cabo Delgado para, mais uma vez preparar as «nossas armas na luta contra o inimigo que ameaça a nossa independência».